

A HISTÓRIA DA
TELEVISÃO
BRASILEIRA
PARA QUEM TEM PRESSA

ELMO FRANCFORT



A HISTÓRIA DA
TELEVISÃO
BRASILEIRA
PARA QUEM TEM PRESSA




valentina

Rio de Janeiro, 2022

1ª edição

INTRODUÇÃO

Em 1950, durante a inauguração da pioneira TV Tupi de São Paulo, Assis Chateaubriand disse que nascia, para o Brasil, “o mais subversivo de todos os veículos de comunicação do século”. Ele só não imaginava até onde iria aquele veículo que modestamente aqui surgiu.

Hoje, há mais televisores que geladeiras nos lares brasileiros. É possível ver televisão na casa dos ribeirinhos, no coração do Rio Amazonas, como em alto-mar, saindo do Rio Grande do Sul rumo à Antártida. Sabe a razão? Então... quantas novelas emocionaram nosso povo? Quantos jogos nos fizeram vibrar, e chorar, diante da telinha? Quantas notícias nos impactaram? Quantos artistas nos inspiraram, tornaram-se ídolos e nos deixaram eternamente saudosos? Quantas atrações, muitas vezes da infância até, nos remetem a momentos inesquecíveis da nossa vida?

Se você viajou no tempo apenas pensando nas respostas para tais perguntas, saiba: é hora de se deleitar com *A História da Televisão Brasileira para Quem Tem Pressa*. Uma obra que mostra, de forma sintética, a grandiosidade dessa mídia que, no Brasil, ganhou status de paixão nacional.

Conheceremos também a história “antes” da história da TV. Desde quando os povos antigos, no Velho Continente, imaginavam que era possível ver a distância. Passaremos pela televisão mecânica, as primeiras experiências e os primeiros inventores – também iremos à fase experimental da televisão no Brasil.

Os capítulos posteriores nos levarão a entender a chegada e o progresso da nossa TV. Começaremos com a fase das imagens em preto e branco, então o ao vivo, mas com programação totalmente regional. Depois iremos ao videoteipe e à possibilidade de compartilhar conteúdos gravados para todo o país. Seguiremos para as cores, a formação das redes de televisão, tudo via satélite... Ao final, encontraremos uma TV mais segmentada, para todos os gostos, aberta e fechada. Do televisor, indo para a internet e até assistindo nos smartphones. Uma televisão digital,

interativa. Daqui a pouco, só nos faltará quebrar o vidro e passar para o outro lado da tela, afinal, estamos cada vez mais próximos disso.

Compreenda, por intermédio desta obra, como a televisão influenciou a sua vida, a sua família, a sua cidade... o seu país. O show está apenas começando.

Que este livro seja campeão da *sua* audiência.

Boa viagem!



CAPÍTULO UM

A PRÉ-HISTÓRIA DA TV BRASILEIRA

Toda história tem um ponto de partida. O início da televisão segue o mesmo caminho de tantas outras invenções: experimentação, sucessos e fracassos, superações e obsolescência de formatos ditos de referência. Ao mesmo tempo, grandes desafios, diante do desconhecido. Inventores e pioneiros, muitas vezes incompreendidos. De forma acanhada, a televisão chegou no mundo... até entrar nos lares brasileiros.

TELEVISÃO: UM SONHO DA ANTIGUIDADE

Afinal, de onde surge a vontade de enxergar a distância, de ver movimento em tempo real de uma imagem que está sendo gerada a partir da projeção de um objeto ou ser visto de longe? Essa é uma pergunta interessante. Alguns estudiosos atribuem à Antiguidade, muitos séculos antes de Cristo. Assim como em Roma, na Grécia também já utilizavam espelhos (invenção dos sumérios, mais de 5.000 anos atrás). As imagens dessas placas de bronze, polidas com areia, não eram tão nítidas. Os espelhos passaram a servir não apenas para que se olhassem: criaram um jogo entre peças para tentar se verem, conversarem a distância, dispondo estrategicamente os espelhos numa rota fisicamente possível de prolongar o reflexo das imagens. Não devia ser nada fácil! Isso pelo menos colaborou para o aprimoramento do espelho, uma vez que outros materiais iam sendo testados na Europa (como prata, vidro, mercúrio, estanho), em busca de um melhor polimento (a partir do século 13). Tal desejo de reproduzir sua imagem, até na possibilidade de perpetuar-se, ficou por um bom tempo direcionado a outras formas artísticas, como a pintura e a escultura. Muitos séculos depois, vieram a fotografia, o cinema e o rádio.

DO SELÊNIO ÀS ONDAS HERTZIANAS

No caso da televisão é impossível dizer que teve apenas um pai ou uma mãe. Muitos são os pioneiros, cada qual com uma parcela de responsabilidade no todo. Tivemos duas fases distintas da televisão mundial: a mecânica e a eletrônica. Podemos dizer que a mecânica é praticamente baseada, apenas, na tecnologia. Já a eletrônica é possível diferenciá-la pela forma como foi usada, principalmente no que diz respeito à produção de conteúdo.

Nosso ponto de partida é um regresso às aulas de Química. É provável que se lembrem de um elemento químico chamado “Selênio”. Não? Eram muitos? Tudo bem. Apresento ele a vocês. Esse nome em grego significa “resplendor da lua”, teoricamente por ter sido descoberto com um elemento fotoelétrico. O “Se”, na tabela periódica, faz parte do quarto período, tendo número atômico 34 (de prótons e de elétrons), com massa atômica de 78u. É um ametal (grupo 16) calcogênio. Em 1817, o sueco Jacob Berzelius o descobriu, em uma visita a uma fábrica de ácido sulfúrico em Gripsholm, ao sentir um odor diferente e até desagradável saindo de um líquido pardo avermelhado, após aquecimento. Achou que era telúrio, até descobrir que se tratava de um novo elemento. Ao estudá-lo, Berzelius percebeu que era fotossensível, ou seja, ao ser exposto à luz sofria reações... emanava elétrons! Um primeiro passo para a transmissão de energia, que no futuro possibilitaria a transmissão de imagens. Diante de várias investigações, essa descoberta da transmissão já havia sido associada ao inglês Willoughby Smith que, em 1873, notou a potencialidade do selênio na transformação de energia e transmissão de imagens por meio de corrente elétrica. Quanto mais luz, mais geração de elétrons. Após a descoberta das propriedades fotocondutoras, dois anos depois, em 1875, foi a vez de George R. Carey. O cientista propôs a criação de um aparelho de transmissão de imagens por meio de circuitos elétricos. Criou os chamados pontos de imagem, que poderiam ser reproduzidos simultaneamente. Passada meia década, em 1880, os cientistas Maurice le Blanc, da França, e William E. Sawyer, dos Estados Unidos, criaram o sistema de varredura de imagem – linha por linha, sinais de luzes se alternavam rapidamente gerando, por fim, na tela por inteiro, novas imagens em movimento, criando uma sucessão de quadros (princípio parecido com o *frame* da película): a mesma ilusão do cinema, cujo olho humano transmite ao cérebro o fenômeno de persistência visual, dando a impressão de que o conteúdo parece se movimentar.

O alemão Paul Nipkow, em 1884, percebeu a importância do princípio de varredura e resolveu aperfeiçoar o projeto. Ele captou imagens divididas em pequenos pontos, que novamente unidas formavam as linhas de varredura e, por consequência, a imagem total na tela. O cientista construiu um transmissor mecânico, que ficou conhecido como Disco de Nipkow e foi utilizado até 1940 pela televisão. Foram os primeiros passos da TV eletromecânica. Seu equipamento era composto por dois discos giratórios, com pequenos orifícios de 0,002 mm de diâmetro, colocados em espiral para passagem de luz – ele decompunha a imagem numa sequência de linhas paralelas, umas sobre as outras. Os sinais luminosos de cada uma delas atingiam uma célula fotoelétrica e, a partir dali, se tornavam impulsos elétricos que se guiavam por um circuito elétrico sem fim. No receptor (futuro “televisor”), como uma lâmpada, os sinais eram reproduzidos criando linhas luminosas. A luz era projetada em um disco igual ao do transmissor, fazendo com que a imagem fosse recomposta, num processo inverso ao da captação, após ser recebida. O inventor é considerado o fundador da técnica de TV. No mesmo ano de Paul Nipkow, Heinrich Hertz comprovou que existiam ondas eletromagnéticas (futuras “ondas hertzianas”) e que os sinais de televisão podiam ser transportados por elas. Até hoje, tanto as frequências televisivas como as radiofônicas são medidas em Hertz (Hz), unidade que demonstra a emissão e oscilação ou vibrações de ondas senoidais expandidas de forma cíclica, que se rotacionam por segundo. Quanto maior a potência, maior a frequência, por isso temos os “quilohertz” (kHz) e os “megahertz” (MHz). Os canais de rádio e TV operam em frequências diferentes para não gerar interferências entre si.

Outro avanço foi a criação do tubo de vidro a vácuo para transmissão de elétrons – a base da televisão eletrônica –, por Karl Ferdinand Braun em 1897, como também, em 1911, Campbell Swinton criando o mecanismo da televisão moderna. Dois anos depois, 1913, foi a vez de cientistas alemães que descobriram um derivado do potássio para substituir o selênio da célula fotoelétrica. Já em 1917, os americanos descobriram que a variação de energia modulava a luz no aparelho. Interessante notarmos que a televisão começou a evoluir na mesma época em que a transmissão radiofônica foi ganhando personalidade própria e se separando, por exemplo, de transmissões similares, como a da radiotelegrafia. Já o cinema saiu do papel, com os irmãos Lumière, em 1895.

A PALAVRA “TELEVISÃO”

E o nome desse novo meio? Somente em 25 de agosto de 1900, o russo Constantin Perskyi criou a palavra “televisão”, em sua tese, lida nessa data no Congresso Internacional de Eletricidade, em Paris. O termo vem de “*tele*” (“longe”, em grego) e “*videre*” (“ver”, em latim). Na tese, era descrito um equipamento com propriedades fotocondutoras (conduzidas eletronicamente) de selênio, que transmitiam imagens a distância. Outros nomes como “teletroscópio”, “telefoto” e “radiovisão” desapareceram. Era comum ver, ao invés da palavra “televisado”, o termo “televisado”. Já o neologismo “televisivo” só foi incluído nos dicionários em 1963, após decisão da Academia Brasileira de Letras.

OS PIONEIROS DA TV NO MUNDO

No princípio da história da TV há nomes, que não podem ser esquecidos, de inventores e empreendedores pioneiros, pertencentes a essa fase que vai da televisão mecânica para a eletrônica. É o caso do engenheiro russo, naturalizado americano, Vladimir Kosma Zworykin (1888-1982). Ele usou como base o tubo de raios catódicos, desenvolvido por Karl F. Braun, da Universidade de Strasbourg. Foi na Rússia que fez seus primeiros estudos sobre o raio catódico – acabou migrando para os Estados Unidos em 1919. Lá, passou a pesquisar o seu “iconoscópio” (primeiro tubo de imagens da câmera), patenteando a tecnologia em 1923. Zworykin acabou também por desenvolver um sistema de televisão mecânica nessas primeiras décadas do século 20, sendo que, em 1929, demonstrou seu receptor de TV totalmente eletrônico, com sua invenção também chamada de cinescópio (*kinescope*). Usando o iconoscópio, transmitiu imagens numa distância de 45 km. Trabalhando para a RCA (Radio Corporation of America), dirigiu todas as pesquisas para a evolução da TV, culminando nas principais demonstrações da Feira Mundial de 1939 em Nova York. O iconoscópio já se parecia com os televisores de hoje.

Outro pioneiro é o escocês John Logie Baird (1888-1946), considerado um dos principais inventores do século 20. Ele conseguiu, em 1º de outubro de 1925, transmitir imagens em que seus contornos, em movimento, eram reconhecíveis em relação ao que se reproduzia. Fez isso um ano antes da AT&T realizar transmissão similar, sendo que, em 26 de janeiro de 1926, tal feito de Baird foi oficializado (registrado até no *Guinness Book*), em demonstração a 40 membros da Royal Institution, em Londres. Depois, o inventor assinou

contrato com a BBC (British Broadcasting Corporation) para transmissões experimentais, que iniciou suas operações em 25 de agosto de 1929, com um sistema de 30 linhas. Um ano antes, Baird demonstrou a primeira transmissão em cores, em 3 de julho de 1928, criando também, posteriormente, a televisão estereoscópica (3D) e o primeiro sistema eletrônico de televisão em cores, que patenteou em 1940.

Desse mesmo período da televisão mecânica, temos Charles Francis Jenkins (1867-1934), que contribuiu tecnicamente para o desenvolvimento da televisão e até do cinema, a partir de 1925, impressionando a sociedade, assim como Baird. Em 1928, em seus laboratórios, chegou a transmitir os chamados *Radio Movies*, material que mais parecia sombras monocromáticas em movimento, com decodificação de imagem. Transmitiu também o que pode ser considerado o primeiro comercial televisivo, do detergente *Old Dutch Girl*. Jenkins estimou uma audiência de cerca de 20 mil espectadores que tiveram acesso a seus filmes, por transmiti-los em frequências de ondas curtas de rádio, cujo alcance é muito maior que o dos sinais de TV hoje em dia. Porém, a televisão mecânica mostrou-se inviável diante do invento da televisão eletrônica; mesmo assim, Jenkins se recusou a seguir as tendências e, até o final da vida, continuou tentando aperfeiçoar os sistemas mecânicos de TV.

Entre os pioneiros está também Philo Taylor Farnsworth (1906-71). Ele foi o primeiro a demonstrar mundialmente o inédito sistema de televisão eletrônica, em 7 de julho de 1927. Assim como Baird, Farnsworth teve problemas para conseguir financiamento para seus experimentos. Em 1930, os investidores insistiram para que mostrasse o sistema à RCA. Inicialmente, a empresa achou que poderia continuar seus experimentos com televisão sem as patentes de Farnsworth, que se tornaram cruciais para o funcionamento das câmeras da RCA (que garantiam estabilidade nas imagens transmitidas). Passaram então a travar uma batalha jurídica, chegando, ao final, a um acordo de licenciamento entre o inventor e a RCA, resultando na TV como conhecemos hoje. Em julho de 1930, com a invenção de Farnsworth, a NBC (National Broadcasting Company – subsidiária da RCA) transmitiu experimentalmente nos Estados Unidos, pelo canal W2XBS. Além da TV, envolveu-se também em pesquisas com radar e energia atômica. Falando em RCA, David Sarnoff (1891-1971) foi mais um dos pioneiros. Em 1915, reconheceu a potencialidade da transmissão por sinais eletrônicos guiados como estímulo à venda e aperfeiçoamento

de aparelhos de rádio. Fundou a NBC, divisão de radiodifusão da RCA, em 15 de novembro de 1926. Sua visão empresarial colaborou para a implantação da TV do mesmo grupo. Como presidente da RCA, entre os anos 30 e 40, financiou a introdução da televisão eletrônica. Enquanto preparava a RCA para a venda massiva de televisores, já havia montado um forte esquema de programação na NBC para que os compradores tivessem grandes e chamativas atrações para assistirem. Fez da RCA a principal companhia de venda de equipamentos broadcast e de receptores. Já o pioneiro Allen B. DuMont (1901-65) estava envolvido, tanto em pesquisas pela fabricação de equipamentos, como aperfeiçoamento de transmissões de sinais. Foi um dos primeiros a aprimorar o tubo de raios catódicos. Posteriormente, fundou uma das redes pioneiras, a DuMont, de início como uma fábrica de televisores. Nos anos 30, sua empresa já competia de igual para igual com a RCA. Em 1938, inovou com a criação de uma tela de 14 polegadas, enquanto a RCA só produzia receptores com 12 polegadas.

Uma curiosidade: pouco antes de Chateaubriand se interessar pela televisão, em 1947, nos Estados Unidos, passou a ser usada a abreviatura “TV”.

SANTA CLARA, A PADROEIRA

Depois de tantas dificuldades para a descoberta da TV, nada melhor do que pedir proteção divina. Para tal, é indicado rezar para Santa Clara de Assis (1194-1253), padroeira da televisão. A religiosa é considerada discípula de São Francisco, seu amigo, com quem conviveu muito tempo em Assis (Itália). Em 1252, ela estava muito doente, e os amigos, ao regressarem da Missa de Natal para vê-la – no seu humilde quarto monástico –, foram surpreendidos por uma descrição detalhada do evento: tudo o que Clara “viu”, a distância, era comentado como se ela tivesse assistido à missa pela TV. Ela narrou a celebração da Eucaristia por completo! Sete séculos depois, em 14 de junho de 1958, o Papa Pio XII a declarou padroeira da telinha. A data escolhida para o “Dia da Televisão” foi 11 de agosto, a mesma de quando Clara faleceu.

UM GATO NA HISTÓRIA

Se você gosta de desenho animado, vai curtir saber que o primeiro astro da televisão mundial foi o Gato Félix. Até 1928, o personagem criado em 1919, nos EUA, já havia estrelado diversas animações. *Felix, the Cat* foi o maior sucesso dos realizadores Otto Messmer e Pat Sullivan, tornando-se o gato mais querido do país. A simpatia do bichano agradava tanto e a tantos, que a RCA o escolheu para promover seus primeiros testes de pesquisa de público televisivo. O brilho de um gato preto e branco criaria uma imagem nítida e um contraste razoável para que chamasse a atenção do público, que pararia tudo para assistir, mesmo ele sendo inanimado. Isso funcionou, graças à transmissão da imagem daquele pequeno boneco de papel machê. A escultura foi adquirida pelos engenheiros da loja de brinquedos FAO Schwarz, localizada a nove quadras dos escritórios da RCA (no Rockefeller Center). Tendo caído várias vezes de sua base giratória, o boneco sofreu avarias que em nada diminuíram o fascínio de quem assistia. A RCA, em 1928, transmitiu diversas vezes sua imagem, diretamente do Empire State Building. Em 1939, na Feira Mundial de Nova York, Félix realizou nova aparição para falar do lançamento da TV comercial nos Estados Unidos. Depois, em 1960, virou uma série de desenho animado para televisão, ganhando a famosa bolsa mágica. Quando a alta definição estreou naquele país, mais uma vez ele foi a grande estrela. Fez parte da cerimônia realizada em 1991, no teatro Ed Sullivan, também em Nova York. Uma curiosidade: foi no mesmo 1928 que o Gato Félix perdeu parte do seu público fiel no cinema. Os criadores insistiram em continuar fazendo filmes sem som, e o público optou principalmente por “O Vapor Willie” (*Steamboat Willie*), sucesso de Walt Disney, filme sonoro estrelado por Mickey Mouse.

A TV COMERCIAL NORTE-AMERICANA

Os Estados Unidos se tornaram o grande polo de desenvolvimento da televisão mundial (em fabricação e produção), influenciando também a criação da televisão brasileira, no início dos anos 50, de onde foram importados nossos primeiros equipamentos. Tal desenvolvimento tem início em 30 de outubro de 1925, quando são geradas as primeiras imagens em movimento. Dois anos depois – curiosamente na data de 18 de setembro (a mesma da

inauguração da TV brasileira, em 1950) –, foi fundada uma das maiores redes de rádio e televisão norte-americanas, a CBS (Columbia Broadcasting System), a mesma que, em 1932, exibiu o primeiro programa político do mundo, em Nova York.

Porém, o ano mais marcante da televisão estadunidense foi 1939, que assinala sua estreia oficial, ainda de forma não comercial, em 30 de abril, quando se iniciou a Feira Mundial de Nova York, em Flushing Meadows, evento que, não por acaso, tinha como tema *Building the World of Tomorrow* (“Construindo o Mundo do Amanhã”). A ideia era anunciar as grandes inovações mundiais, com ênfase no campo da tecnologia e da eletrônica. Mais de 45 milhões de visitantes compareceram para conhecer o que em breve poderia estar em suas casas. Uma recente indústria televisiva que só não mostrava ali mais otimismo por conta das dificuldades geradas pelo Crack de 1929 (a quebra da Bolsa de Valores de Nova York), que desestabilizou o mundo, causando a Grande Depressão e colaborando negativamente para o surgimento da Segunda Guerra Mundial (1939-45). A televisão era uma novidade cara, inviável até mesmo para a classe média local. A falta de divulgação do invento também prejudicou o lançamento tardio da televisão comercial norte-americana. Atraso causado por uma guerra de patentes, travada pela Farnsworth Television, a RCA e outros concorrentes.

Os americanos consideram a Feira de Nova York o início de suas transmissões regulares de televisão, por diversas razões. Uma delas por ser a primeira vez que um grande público “descobriu” a TV. Lá, gigantes da indústria eletrônica estavam reunidos em pavilhões: Allen B. DuMont Laboratories, Westinghouse Electric, General Electric (GE), Crosley Radio Corporation, Ford Motor Company e, com grande destaque, a RCA. A Farnsworth Television foi a única que não participou. A ausência da empresa de Philo Farnsworth deve-se, primordialmente, a outra (e principal) razão: a Feira ser reconhecida como o pontapé inicial das transmissões da televisão comercial, por pressão política da RCA. Dez dias antes da abertura do evento, David Sarnoff, presidente da RCA, fez um discurso divulgando seu pavilhão. Tal atitude atraiu uma atenção maior da imprensa. Além da mídia, em Nova York, os raros possuidores de televisores assistiram à transmissão da NBC, emissora da RCA. Em sua maioria, as poucas centenas de telespectadores estavam aglomeradas na região do pavilhão RCA ou assistindo em receptores colocados no 62º andar do Radio City, em Manhattan.

A RCA impediu a organização da Feira de Nova York de proibir ali o anúncio do “nascimento de uma indústria”: a televisão comercial. O fato acabou acelerando a oficialização de um padrão regular de transmissão televisiva comercial – e encurtando o tempo do processo para dois anos, uma vez que logo em 1º de julho de 1941 foi oficializado, nos Estados Unidos, o padrão NTSC, com 525 linhas e 30 quadros (ou fotogramas) por segundo. Tal anúncio foi realizado na abertura da Feira, com o discurso do então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. Foi também o primeiro discurso político realizado diante das câmeras. Naquele 30 de abril, Roosevelt falou para seus compatriotas sobre a importância de uma nova era e sobre a televisão. Por meio de um link, os sinais das câmeras foram gerados de uma unidade móvel da RCA diretamente para o transmissor da NBC, no Empire State Building, e, em seguida, retransmitido a todos. Sarnoff afirmou também que era ali transmitida a primeira notícia televisionada nos Estados Unidos. E disse que a televisão “É uma arte que brilha como uma tocha de esperança em um mundo turbulento. É uma força criativa que devemos aprender a utilizar em benefício de toda a humanidade.”

Voltando à Feira, no local foram montados pequenos estúdios para transmissão ao vivo (como estandes) com receptores expostos. No pavilhão RCA, por exemplo, 13 receptores do modelo TRK-12 exibiam constantemente imagens, na escala de 4 x 3 unidades. Entre as curiosidades, um televisor de cinco polegadas e uma grande lente que projetava imagens em uma tela especial com reflexão de luz. Ao centro, a mascote da RCA: uma grande estátua do cão Nipper escutando gramofone (sempre estampado nas vitrolas antigas, ou melhor, “victrolas”, aparelho de reprodução sonora comercializado pela RCA Victor). Ainda no pavilhão RCA, o designer romeno-americano John Vassos criou um ambiente denominado *Radio Living Room of Tomorrow* (“Sala de Rádio do Futuro”), com equipamentos eletrônicos diversos. Havia também iconoscópios (tubo de câmera de televisão, patenteado por Vladimir Zworykin) e cinescópios ou “kinescópios” (tubo de imagem). Outra atração era um televisor com gabinete transparente chamado Lucite, no estande Phantom Teleceiver (uma tradução aproximada de “fantasma televisionado”, pois ali mostrava ao visitante imagens transmitidas de uma câmera para o televisor, processo aparentemente mágico, revelando os componentes do aparelho, sem segredos).

Cada pavilhão tinha como objetivo causar o maior impacto possível ao visitante. Cada concorrente tentava mostrar seu melhor ao público. Enquanto a DuMont exibiu filmes, a RCA transmitiu eventos ao vivo (de entrevistas diretamente da Feira e até esportes) com breves links. A NBC fez também transmissões regulares direto dos seus estúdios: novelas, desfiles de moda, programa de culinária, dicas de viagem, desenhos animados e tudo que podia demonstrar seu poderio.

O início da televisão comercial não foi fácil. Em plena Segunda Guerra Mundial anunciava-se o evento, mas as vendas decepcionavam. A recessão era grande e a publicidade ficou voltada para a classe A. A RCA, que mais tarde teria forte repercussão no mercado brasileiro, em 1939 vendia quatro tipos de receptores: TT-5, TRK-5, TRK-9 e TRK-12, com preços que iam de 199,50 a 600 dólares (na época caríssimos). Os anúncios mostravam espectadores vestidos de gala ou terno, para atingir consumidores ricos. O design dos televisores era arrojado, gabinetes de madeira polida no estilo “feito à mão”, criados também por John Vassos. Os primeiros modelos sintonizavam os canais de 1 a 5, sendo que pouco tempo depois, mundialmente, o canal 1 passou a ser utilizado para telecomunicações (principalmente fins militares). Lojas de departamento, como Wanamaker, Bloomingdale e Macy’s, foram pioneiras na comercialização de televisores, mas obtiveram baixa vendagem no período da guerra. Os chamados “televisinhos” já existiam, visitando os poucos (e abonados) possuidores de aparelhos ou se aglomerando na frente de lojas para assistir aos receptores ligados.

Um grande investimento inicial na TV norte-americana se deu na transmissão de eventos esportivos. De abril a outubro de 1939, por exemplo, foram transmitidas lutas de boxe, jogos de beisebol e de futebol americano. O ano foi também importante para as transmissões de TV na Europa.

A primeira televisão comercial foi a NBC, cuja estreia como emissora com programação regular e diária se deu em 1º de julho de 1941. Nesse dia, exibiu o primeiro comercial, da marca de relógios Bulova, por 20 segundos.

Mesmo com a interrupção das transmissões durante a Segunda Guerra Mundial, os anos 40 foram cruciais para criação de um modelo de televisão comercial nos Estados Unidos, posteriormente adotado também no Brasil. Entre eles, a criação do *prime time* televisivo (entre as 19 e 22 horas), aqui batizado de “horário nobre” pelo jornalista Hilton Gomes, nos anos 50. Herança do rádio, a classificação vem do horário dos melhores (e mais caros) programas sendo

exibidos para um maior número de ouvintes acompanhando a programação. É justamente o horário em que a maioria das famílias já estava em casa, após o retorno da escola (aos estudantes vespertinos ou integrais) ou do trabalho.

O PADRÃO DE TRANSMISSÃO



Televisor RCA transmite a inauguração da TV Tupi (1950)

A televisão comercial passou a ter diversos padrões. O NTSC esteve longe de ser o único. Por exemplo, nos anos 60, ele rivalizava com outros padrões (já coloridos), como o francês SECAM (*Système Électronique Couleur à Memoire*), de 1966 e o alemão PAL (*Phase Alternating Line*), de 1967, além de inúmeras variações, como o futuro padrão brasileiro PAL-M (1972). PAL e SECAM já conduziam cores com 100 linhas a mais que o NTSC, de 625 linhas. Lembrando que, ainda na fase da transmissão em preto e branco, tivemos como o mais popular o padrão “M”, que era o “NTSC-M”. Essa norma

do padrão era uma abreviação da RMA (*Radio Manufacturers Association*), que estabeleceu a obrigação de as emissoras respeitarem a frequência de 60 Hertz utilizada pela rede de energia elétrica local. Isso permitia 60 campos de imagem por segundo, que evitava cintilações elétricas, carregando as básicas 525 linhas e 30 quadros (ou fotogramas) por segundo. Assim como os Estados Unidos, o Brasil foi um dos que adotaram o “M”. Já países cuja rede de energia elétrica era mais fraca, adaptações se mostraram necessárias. Foi o caso de Argentina e Alemanha, países com uma rede elétrica de 50 Hertz, que utilizaram um sinal com 625 linhas e 25 quadros por segundo (cinco a menos). Com o tempo, todos os padrões evoluíram, assim como as redes elétricas. O próprio NTSC nos anos 60 já era outro, cujas cores não constituíam mais um problema e a adaptação do “M” se fez necessária